A RECONFIGURAÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DO PROFESSOR-ENGENHEIRO NA CONTEMPORANEIDADE: EMERGÊNCIA DE UMA IDENTIDADE DOCENTE?

Marcelo S. Isidório – marceloisidorio@yahoo.com.br
PUC Minas – Programa de Pós-Graduação em Educação
Av. Dom José Gaspar, 500 – Coração Eucarístico
30535-901 – Belo Horizonte – MG

Lorene dos Santos – lorenedossantos@gmail.com

***Resumo:** O papel e as demandas da universidade neste século XXI tem tornado a docência universitária cada vez mais complexa. Diante disso não mais se sustenta um modelo docente baseado apenas na transmissão de conteúdos do campo disciplinar e uma reconfiguração da profissionalidade docente tem sido debatida como forma de afirmação da docência como uma profissão de interações humanas. Neste artigo apresentamos dados de uma pesquisa exploratória junto a professores-engenheiros de um centro politécnico de uma Instituição de Ensino Superior privada de Belo Horizonte. Em um “movimento de abertura”, este centro buscou parceria de um núcleo de assessoria didático-pedagógica, do Departamento de Educação da mesma instituição, com o objetivo de obter apoio especializado diante do incômodo vivenciado por muitos docentes frente aos constantes “desencontros” ocorridos no cotidiano da sala de aula. Essa ação nos motivou a compreender as nuances dessa abertura em um segmento tradicionalmente pouco receptivo às discussões do campo pedagógico. Haveria chegado a um limite o alheamento destes professores para as questões da educação? O contexto atual estaria provocando a emergência de uma identidade docente? As observações iniciais apontam para a necessidade de uma reconfiguração da profissionalidade do professor-engenheiro alicerçada por programas de formação continuada e assessoria didático-pedagógica permanente. Entretanto, a resistência de alguns professores, verificada na manutenção de discursos e práticas educativas ortodoxas diante de uma sociedade em constante transformação, parece sinalizar um distanciamento na relação identidade x profissionalidade almejada.*

***Palavras-chave:** Professor-engenheiro, Identidade profissional, Profissionalidade docente.*

1. INTRODUÇÃO

As discussões em torno da docência universitária vêm ganhando relevância e destaque nos últimos anos, reforçadas, inclusive, pela importância *sui generis* desta no contexto das transformações pelas quais o cenário universitário está passando frente às mudanças do mundo contemporâneo.

As novas atribuições da universidade na atualidade, o perfil geracional de alunos e professores no contexto da chamada “sociedade da informação e do conhecimento” e a demanda por profissionais com capacidade de adaptação e flexibilidade exigida pelo mercado de trabalho, são algumas das questões que tornam a profissão docente cada vez mais

complexa, não se sustentando mais um modelo docente baseado apenas na transmissão de conteúdos do campo disciplinar. Neste sentido, alguns pesquisadores têm apontado para a necessidade de reconfiguração da profissionalidade docente, através de programas de formação continuada e assessoria didático-pedagógica, como forma de promover mudanças nas práticas e concepções do professor universitário.

É oportuno observar que a complexidade do tempo presente tem exigido esta reconfiguração em todos os segmentos acadêmicos, inclusive nas licenciaturas. Assim, podemos imaginar a magnitude destes desafios naqueles segmentos que não costumam ter uma formação didático-pedagógica, como é o caso das engenharias, e que vinham se mantendo “alheias” a qualquer tipo de discussão que tivesse como viés o campo educacional.

Os tempos atuais parecem sinalizar um limite de alheamento e a emergência dessa complexidade pode estar provocando uma mudança de paradigmas.

O centro politécnico de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada de Belo Horizonte buscou auxílio junto ao núcleo de assessoria didático-pedagógica dessa mesma instituição, na tentativa de encontrar respostas para os constantes “desencontros” percebidos por esses docentes no cotidiano da sala de aula. Este “movimento de abertura” em um segmento tradicionalmente pouco receptivo a tais discussões nos leva a indagar: haveria chegado a um limite o alheamento destes professores para as questões educacionais? O contexto atual estaria provocando a emergência de uma identidade docente?

2. DESAFIOS DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NO SÉCULO XXI: IDENTIDADE E PROFISSIONALIDADE EM XEQUE

Vivemos em um mundo em constante e rápida transformação, configurando um cenário que além de globalizado é complexo e exigente. Esse contexto leva à reflexão do sistema educacional e principalmente da prática pedagógica que vem sendo desenvolvida nos meios acadêmicos. “As transformações são contundentes e exigem uma reavaliação da docência na universidade” (SANT’ANA & BEHRENS, 2003. p.27).

No contexto institucional verifica-se que a imagem da universidade tem passado por significativas transformações na atualidade. De modelo institucional autorreferente e elitizado – imagem tradicional que prevaleceu no ocidente, onde os conceitos de independência e autonomia pautavam e fundamentavam suas opções, escolhas e procedimentos –, a um modelo que tem requerido novos parâmetros de responsabilidade social. Assim, à universidade tem se exigido cada vez mais atuar junto à sociedade e um novo modelo de Instituição tem sido pensado (SANTOS *apud* LAMPERT, 2010).

Entre os novos desafios destaca-se a expansão das vagas de acesso favorecidas por programas sociais do governo federal e resultando em um crescimento expressivo nos últimos anos. De acordo com o Censo 2010, as matrículas no ensino superior no Brasil subiram 110% no período compreendido entre 2001 e 2010, chegando a aproximadamente 6,4 milhões, das quais 74,2 % concentradas nas instituições privadas (INEP, 2012). Neste caso, um dos desafios da docência no ensino superior consiste em atender ao constante crescimento do número de matrículas sem sacrificar a qualidade inerente à educação neste nível de ensino. Assim, um dos atuais dilemas no exercício profissional docente surge do fato de que se tem, de um lado, uma expansão de vagas, acompanhada da diversificação do público atendido, favorecido por ações como o Programa Universidade para Todos (PROUNI), e, de outro, a “pressão” exercida sobre o docente, principalmente das instituições privadas, em prol da manutenção de um bom desempenho nas avaliações institucionais.

Estudos de Cunha (2006) e Ribeiro (2012) que trataram das avaliações institucionais e o impacto na configuração do trabalho docente apontam aspectos positivos, como a contribuição na reflexão dos docentes sobre o cotidiano da sala de aula, entretanto, tais

pesquisadoras observaram também que este mecanismo acentua a pressão por parte dos alunos e da instituição sobre os docentes das IES privadas em busca de resultados.

Outro aspecto a impactar a profissão docente na contemporaneidade diz respeito ao perfil geracional de professores e alunos e suas interações no cotidiano da sala de aula. Deparamos, hoje em dia, com um perfil de jovem que, de um modo geral, realiza muitas tarefas ao mesmo tempo e é “antenado” tecnologicamente, exigindo dos docentes constantes alternativas em seu processo pedagógico. “É natural que estas diferenças provoquem a emergência de problemas, desencontros e desafios que obrigam um permanente reinventar da formação e do trabalho docente” (NETO & FRANCO, 2010. p.12).

Podemos pressupor certo desgaste no cotidiano de sala de aula ao se confrontarem um modelo tradicional de aula do professor e a rapidez de informações obtidas pelos jovens nesse mesmo contexto. Assim, o professor não é mais visto como um transmissor ou a principal fonte de conhecimento, o que parece ser um dos importantes pontos de tensão no cotidiano do trabalho docente. Como pode um professor pertencente à outra geração se relacionar produtivamente com os “nativos digitais”?

Para Cintra (2012), os dias de hoje reivindicam do professor uma visão mais humanizada sobre os alunos, o que inclui um relacionamento menos hierarquizado com eles. Assim, mesmo estando os docentes conscientes destas características, necessitariam de um processo de formação continuada, amparado pela instituição, que viesse a dar suporte ao trabalho docente no trato com essas grandes diferenças apresentadas pelas novas gerações.

As transformações decorrentes da chamada “sociedade do conhecimento” são inúmeras. No universo do trabalho, por exemplo, aponta-se para um perfil de egresso universitário flexível, ágil e com base interdisciplinar. Assim, tem-se argumentado em prol de um modelo que privilegie a formação integral do sujeito, considerando-se aí a abordagem de questões de gênero, do contexto sociopolítico, das capacidades de gerenciar os desequilíbrios em equipe, da capacidade para mobilização do potencial humano e compromisso social, entre outros (NEVES, 2007; SANTOS *apud* LAMPERT, 2010).

O desafio ao docente, neste cenário, está no modelo de educação profissionalizante oferecido pela universidade que parece não estar acompanhando as exigências de um mercado de trabalho moderno, complexo e rotativo demandado pela sociedade do conhecimento. A questão pertinente neste sentido é: estariam os docentes das engenharias cientes destas novas configurações do mercado de trabalho? Se sim, eles saberiam como atuar para atender a tais exigências? O que precisariam saber para atuar na formação de sujeitos com estes perfis?

O impacto de todas essas situações apresentadas (instituição, perfil discente e mercado de trabalho), indica o quão complexo se apresentam os desafios no exercício da profissão docente na atualidade e apontam para a necessidade de alteração profunda nos métodos de trabalho do professor, pois “pede-se a eles que se encarreguem de um espectro mais diversificado de estudantes, segundo modalidades diversas, recorrendo a métodos e tecnologias novas e seu trabalho é submetido a um controle mais estrito e explícito, sob a forma de exames de qualidade e avaliações” (FIELDEN, 1999). Diante de todo esse contexto tem sido debatida a reconfiguração da profissionalidade docente.

2.1. Identidade profissional e profissionalidade docente

Estar professor hoje se fundamenta em perspectivas de ordem política, social e epistemológica e para entender a docência no ensino superior é necessário considerar as transformações pelas quais o cenário universitário está passando em relação às mudanças do mundo contemporâneo.

Como sabemos, para atuar na docência no ensino superior não se exige, legalmente, uma formação didático-pedagógica. O docente é selecionado pela profundidade do conteúdo que

domina, respaldado pela titulação acadêmica. Assim, é razoável supor que os docentes oriundos de bacharelado e que tenham em sua titulação de mestre e/ou doutor estritamente o segmento técnico encontrem maior dificuldade para tratar dos desafios colocados. Entretanto, a possibilidade dos docentes atuarem com qualidade em relação às finalidades educativas que se apresentam atualmente relaciona-se à sua competência profissional, identidade profissional e profissionalidade docente (MORGADO, 2011).

Estudos de Buonicontro (2001) e Dantas (2011) apontam que os professores de engenharia, em geral, experimentam a “pedagogia da prática”, construída no cotidiano, pois acreditam que a docência se aprende exclusivamente com a prática. Assim, nesta relação é desenvolvida sua identidade profissional docente, que vem a agregar à sua identidade profissional de engenheiro.

Apoiamo-nos em Dubar (2005) para compreender a constituição da identidade como resultado da interação entre os sujeitos, cuja construção se dá numa dimensão social e pessoal. “A identidade é o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”(p.136). Para o autor, entender a construção da identidade social e, por extensão, da profissional, implica investigar duas dimensões: o contexto da situação de trabalho como elemento que interfere nas concepções do professor acerca da profissão e de sua formação e, também, a forma como concebe a docência a partir de sua trajetória pessoal, de sua biografia. Configurada nas relações sociais e de trabalho, a forma identitária assumida pelo professor do ensino superior permite compreender como a sua profissionalidade é constituída.

O conceito de profissionalidade docente vem sendo usado para designar o conjunto de requisitos profissionais que tornam alguém um professor e relacionam-se aos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários ao exercício profissional (SACRISTÁN, 1995). É um processo que permite aos professores apropriarem-se das práticas, da cultura e dos valores da profissão porque ela é construída de forma progressiva e contínua, baseia-se no desenvolvimento de competências e na identidade profissional e prolonga-se ao longo de toda a carreira.

“Trata-se de um conceito que se associa intimamente ao conceito de desenvolvimento profissional, estabelecendo com ele uma relação simbiótica. Assim se compreende que desenvolvimento profissional e profissionalidade docente sejam vistos como elementos nucleares - quer em termos de estrutura da própria profissão, quer em termos de renovação do pensamento e da acção dos professores -, sendo por isso frequentemente apontado, tanto nos discursos políticos como na literatura da especialidade, como factores a ter em conta nas mudanças que urge imprimir no sistema, em particular ao nível das práticas que os professores desenvolvem nas escolas” (MORGADO, 2011. p.799).

Em estudo sobre os desafios e possibilidades da constituição da profissionalidade docente no ensino superior, Bazzo (2007) aponta que a definição de profissionalidade não é estática, o que nos obriga a uma permanente elaboração, devendo ser analisada de acordo com o momento histórico e com a realidade social em que se materializa, além de considerar a subjetividade do professor. Assim, os diferentes contextos – pedagógico, profissional, sociocultural e político – vão gerar diferentes profissionalidades.

O debate sobre a reconfiguração da profissionalidade docente vem ganhando espaço, entre outros fatores, em função de questionamentos ao conhecimento universitário de

característica disciplinar em confronto com saberes mobilizados neste exercício no âmbito da afirmação da docência como uma profissão de interações humanas (RAMOS, 2011).

Estudos de Bazzo (2007) e Ramos (2011) apontam para a emergência da reconfiguração desta profissionalidade em função da dinâmica de complexidade em que tem se processado a educação superior. Estes estudos têm apontado para a possibilidade de instauração de processos mais autônomos e coletivos de formação pedagógica, institucionalmente apoiados, que visem a desenvolver a profissionalidade docente universitária como parte do esforço para restaurar os compromissos da universidade com seus estudantes e com a sociedade que a abriga.

No caso de docentes que atuam em cursos de engenharia, a questão que se apresenta é: se consideramos que primeiramente este docente tem como identidade principal ser engenheiro, que elementos podem levar a uma reconfiguração de sua profissionalidade docente uma vez que atuar na educação exige uma gama de elementos outros para as quais ele não se identifica ou reconhece?

3. O PROFESSOR-ENGENHEIRO E A MUDANÇA DE PARADIGMAS: EMERGE UMA IDENTIDADE DOCENTE?

O engenheiro que se torna professor se vê, muitas vezes, diante de um ambiente para o qual ele não foi preparado para atuar.

Historicamente, observam-se alterações nos requisitos profissionais que recaem sobre o professor-engenheiro, especialmente nas últimas décadas. Assim, se ao final dos anos de 1970 a ênfase recai sobre o domínio do conteúdo, nos anos 1980 emerge a preocupação com o conhecimento da didática e, neste início do século XXI, observa-se um movimento de reconstrução do modelo de formação nas engenharias, demandando que reflitam sobre sua função social. Os docentes são alertados para a importância de formação de engenheiros conscientes de seu papel como seres humanos e capazes de uma participação ativa na sociedade. Nessa perspectiva, o “educar” se torna algo que complexifica o papel dos engenheiros que atuam na docência (NITSCH *et al.*, 2004).

Como vimos anteriormente, estudos realizados com docentes da engenharia mostram que os sujeitos se constroem professores no exercício cotidiano, quase sempre sem sequer terem um apoio institucional que os oriente nessa atuação e utilizando-se muitas vezes exclusivamente de modelos que vivenciaram como estudantes.

“As próprias instituições de ensino pouco se preocupam em orientar a transição de profissionais para profissionais-professores, ou mesmo depois para professores-profissionais, ou ainda, finalmente, para educadores. Basicamente se cobra, quando da entrada de professores nos seus quadros, comprovação de titulações acadêmicas, compromissos de “boas” intenções para com a pesquisa e o ensino – principalmente com a primeira – e o cumprimento de um pequeno ritual de sala de aula, a título de comprovação de aptidão didática” (BAZZO, 2011. p.13).

Alguns autores acrescentam que além da falta de formação para a docência, evidências sinalizam que uma capacitação didático-pedagógica é desvalorizada pelos professores em exercício nos cursos de engenharia. Se o professor de engenharia sente necessidade de conhecer as bases científicas, matemáticas e tecnológicas do seu ofício como engenheiro, o mesmo princípio não acontece com as premissas do ofício de ser professor (BAZZO, 2011).

Concordando com Bazzo (2011), acreditamos que este “modelo” de docente não tem mais encontrado sustentação dentro da atual dinâmica de circulação de informações, das novas configurações da educação superior e das necessidades de construção de conhecimentos. Reforçamos a relevância da identidade assumida pelo engenheiro que atua na docência, no reconhecimento de sua importância nesse processo educacional que tem se configurado no ensino superior. “A mudança intrínseca, pessoal, trazida pela vontade interior de uma nova postura, é vital na nova atuação do professor-engenheiro, deixando para trás um modelo limitado de repasse de informações e de conhecimentos que chegam prontos aos alunos, dos quais, somente a repetição é cobrada” (NITSCH *et al.*, 2004).

Entretanto, parece estar havendo uma mudança de paradigmas em alguns espaços de atuação dos professores-engenheiros. O centro politécnico de uma IES privada de Belo Horizonte buscou auxílio junto a um núcleo de assessoria didático-pedagógica da mesma instituição com o objetivo de obter orientações com relação aos constantes “desencontros” percebidos pelos docentes no cotidiano da sala de aula. Dentre as ações deste núcleo junto ao referido centro, acompanhamos um encontro de formação ocorrido cuja temática foi “Sala de aula: encontros e desencontros”.

Os desafios da profissão docente na contemporaneidade foram retradadas neste encontro através de algumas posições assumidas por professores deste centro politécnico ao indagarem questões de seu cotidiano de sala de aula, em falas como: “[...] as realidades hoje são muito complexas.”, referindo-se a multiplicidade de aspectos que se apresentam à universidade e que têm impactado o exercício da profissão docente; “[...] é necessário discutir hoje que tipo de alunos nós temos”; “[...] compreender o aluno que está chegando”; e “[...] os alunos de hoje são imediatistas, vocês acreditam que ao acabar a aula um aluno fotografou, com seu celular, as questões no quadro?”. Tais questionamentos nos remetem à questão do perfil geracional e à relação professor/aluno, com evidências de um “embate geracional” que parece tornar mais complexo o cotidiano da sala de aula. Alguns docentes apontaram, ainda, os desconpassos entre essas novas demandas e os currículos do ensino superior, ao dizerem, por exemplo: “[...] a ementa, nas disciplinas tradicionais, é como uma camisa de força!”, o que supõe o desconforto desses professores com a estrutura curricular atual e demonstra que alguns deles têm a percepção de “tempos distintos” entre o que está posto nas ementas e a realidade vivenciada. Falas como: “[...] para a universidade esse aluno é apenas um número, ela tem que medir aonde ela quer chegar”, aparecem como indicativo de que, para os professores, a instituição parece estar “alheia” à complexidade do movimento atual, restando a estes uma atuação solitária diante de tantos desafios.

Buscar auxílio junto a uma assessoria pedagógica, algo inédito, neste centro politécnico, parece sinalizar uma situação limiar, que aponta a urgência do entendimento de questões sociais e humanas na formação dos docentes universitários. Poderíamos nos perguntar se, diante do novo cenário acadêmico e tendo em vista a consciência dos limites para lidar com as novas demandas de formação, o momento atual seria favorável à emergência de uma identidade docente?

Se pensarmos, através das proposições de Dubar (2005), que a construção identitária se afirma também no contexto da situação de trabalho, enquanto elemento que interfere nas concepções do professor acerca da profissão e de sua formação, podemos pressupor que a resposta ao questionamento acima é positiva. Entretanto, apesar do movimento de busca pela assessoria pedagógica ser em nome da coletividade, é necessário investigar como cada um desses professores concebe a docência a partir de sua trajetória individual. Neste sentido, justifica-se a relevância do estudo que está em andamento junto aos professores deste centro politécnico, e que se propõe a analisar as aproximações e distanciamentos entre a identidade assumida por esses docentes e a profissionalidade que vem sendo requerida no atual contexto.

Como esta relação entre identidade assumida e profissionalidade requerida está impactando a atuação do professor-engenheiro?

Em nossa pesquisa exploratória nos deparamos com a temática do Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia (COBENGE¹) em 2012: “O engenheiro-professor e o desafio de educar” e mais especificamente com a palestra² proferida pelo Prof. Walter Bazzo, que salientou a necessidade de mudança de postura dos docentes da engenharia diante do atual quadro educacional. Para este professor, além da busca por formação continuada, seria central neste processo, a questão da identidade assumida por este docente no trato dos desafios atuais. Bazzo acredita que uma mudança de atitude na forma de ver o mundo e na compreensão da dinâmica com a qual se tem processado a vida contemporânea já seria suficiente para provocar mudanças significativas no *modus operandi* dos docentes.

É interessante enfatizar que as inquietações e demandas dos professores deste centro politécnico vão ao encontro das discussões ocorridas no âmbito do COBENGE-2012, ainda que os mesmos não estejam participando ativamente do movimento ABENGE/COBENGE, pelo que pudemos observar até o momento. Isso só reforça o entendimento de que alguns dos dilemas vivenciados no âmbito da docência em Engenharia estão presentes em diferentes contextos, obrigando muitos de seus professores a se engajarem em discussões que envolvam o campo pedagógico e que, em última instância, requerem uma reconfiguração de sua identidade profissional. As questões da docência tornam-se centrais e demandam que estes professores desenvolvam novas competências e sensibilidades para lidar com os desafios que adentram suas salas de aula de engenharia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato a emergência de discussões em torno da reconfiguração da educação superior na atualidade, na qual o professor, estando na linha de frente desse processo, é “convidado” a reconfigurar suas concepções e práticas pedagógicas.

Nesta pesquisa, optamos por investigar o professor-engenheiro, sem desconsiderar que a problemática abordada pode ser observada em diferentes áreas da formação universitária como Direito, Odontologia, Arquitetura, etc..

A complexidade colocada ao exercício da profissão docente universitária na atualidade, potencializada pelo fato de que muitos destes docentes não possuem uma formação didático-pedagógica, nos despertou o interesse por acompanhar de perto um “movimento de abertura” experimentado por um centro politécnico, em busca de apoio didático-pedagógico, fato esse que traz evidências da tentativa de se imprimir mudanças no contexto do desenvolvimento profissional dos docentes.

Entendemos que a mudança na prática profissional do professor da engenharia depende de sua sensibilização em perceber-se como um profissional responsável por uma formação integral de sujeito. Neste caso, podemos pressupor que este professor tenha a percepção dos desafios, sem que seja sensível à mudança ou que pode sensibilizar-se a mudar, sem que saiba como fazê-lo. Em todo caso, entendemos que identificar-se com a docência é condição *sine qua non* para que qualquer estratégia de reconfiguração da profissionalidade possa, de fato, se efetivar.

¹ Evento realizado anualmente pela Associação Brasileira de Educação em Engenharia (ABENGE) que em 2012 realizou seu 40º encontro.

² Acesso pelo link: <<http://www.youtube.com/watch?v=tKmU0fiTprg&feature=plcp>>

Entender como – e se – este processo tem se efetivado, os dilemas encontrados, os embates entre diferentes concepções e os processos formativos vivenciados por estes docentes é um dos propósitos de nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZZO, Vera Lúcia. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Constituição da profissionalidade docente na educação superior: desafios e possibilidades, 2007. Tese (Doutorado).

BAZZO, Walter Antônio. Ciência, tecnologia e sociedade: e o contexto da educação tecnológica. 3.ed.rev. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

BUONICONTRO, Célia Mara Sales. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, O processo de construção da prática pedagógica do engenheiro-professor: um estudo no curso de engenharia mecatrônica da PUC Minas, 2001. Dissertação (Mestrado).

CINTRA, José Carlos. Reinventando a aula expositiva. Editora Compacta, São Carlos, 2012.

CUNHA, M. I. da. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a05v11n32.pdf>> Acesso em 30/10/2012.

DANTAS, Cecília Maria Macedo. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, O desenvolvimento da docência nas engenharias: um estudo na Universidade Federal de Campina Grande, 2011. Dissertação (Mestrado).

DUBAR, Claude. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FIELDEN, John. O pessoal do ensino superior: um permanente desafio. In: Conferência Mundial sobre o Ensino Superior: 1998, PARIS, França. Tendências da educação superior para o século XXI. Brasília: UNESCO, 1999.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da educação superior: 2010 – resumo técnico. – Brasília, 2012.

LAMPERT, E. Repensando a universidade: algumas notas para análise. Universidade e Sociedade. DF, ano XIX, n.45, janeiro de 2010. Disponível em: <<http://antigo.andes.org.br/2010/revistas/Universidade%20e%20Sociedade/US45.pdf>> Acesso em 08/10/2012.

MORGADO, J. C. Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades. Ensaio: avaliação políticas públicas. Educação, Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 793-812, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n73/04.pdf>> Acesso em 19/09/2012.

NETO, E. S.; FRANCO, E. S. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. Revista de Educação do Cogeime – Ano 19 – n. 36 – janeiro/junho 2010. Disponível em: <<http://www.cogeime.org.br/revista/36Artigo01.pdf>> Acesso em 14/09/2012.

NEVES, C. E. B. Desafios da educação superior (Dossiê). Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 17, p. 14-21. jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a02n17.pdf>> Acesso em: 27/09/2012.

NITSCH, J. C.; BAZZO, W. A.; TOZZI, M. J. Engenheiro-professor ou professor-engenheiro: reflexões sobre a arte do ofício. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/2004/artigos/10_227.pdf> Acesso em 04/11/2012.

RAMOS, K. M. C. Questionando o saber refletindo sobre o fazer: inquietações de professores sobre a profissionalidade docente universitária. Perspectiva, Florianópolis, v. 29, n. 2, 463-481, jul./dez. 2011.

RIBEIRO, E. A. As atuais políticas públicas de avaliação para a educação superior e os impactos na configuração do trabalho docente. Avaliação (Campinas) [online]. v.17, n.2, pp. 299-316, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v17n2/02.pdf>> Acesso em: 09/10/2012.

SACRISTÁN, José Gimeno. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). Profissão professor. 2. ed. Porto; p. 63-92: Porto, 1995.

SANT'ANA, Edite Lopes; BEHRENS, Marilda Aparecida. Superação de paradigmas conservadores na sociedade do conhecimento. In: Docência universitária na sociedade do conhecimento. Curitiba: Champagnat, 2003.

RECONFIGURATION OF A TEACHER-ENGINEER PROFESSIONALISM IN CONTEMPORARY: EMERGENCE OF A TEACHER IDENTITY?

Abstracts: The role and the demands of the university in the XXI century has become a university teaching increasingly complex. View of this is no longer tenable a model based only on teaching content transmission disciplinary field and a reconfiguration of the teaching profession has been debated as an affirmation of teaching as a profession of human interactions. This article presents data from an exploratory research with teachers, engineers polytechnic center of a private higher education institution of Belo Horizonte. In an "opening movement", the center partnered with a nucleus advisory didactic-pedagogic, the Department of Education from the same institution, with the goal of obtaining expert support before the uncomfortable experienced by many teachers face the constant "misunderstandings" occurred in everyday classroom. This action has motivated us to understand the nuances of this opening in a segment traditionally unreceptive to the discussions of the pedagogical field. There would gotten to a limit alienation of these teachers to the issues of education? The current context would affect the emergence of a teacher identity? Initial observations point to the need for a reconfiguration of the professionalism of the teacher-engineer founded by continuous training programs and advisory didactic-pedagogic permanent. However, the

resistance of some teachers, checked in maintaining orthodox educational discourses and practices from a society in constant transformation, seems to signal a distancing in the relationship identity x professionalism desired.

Keywords: *Teacher-Engineer, Professional Identity, Professionalism teaching*